

IX ANPED SUL
SEMINÁRIO DE PESQUISA EM
EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL 2012



ELES SÃO APENAS DIFERENTES: **A PRODUÇÃO DISCURSIVA DE MASCULINIDADES CONTEMPORÂNEAS NA** **OBRA CRIANDO MENINOS**

Juliana Ribeiro Vargas – PPGEdU/UFRGS
Rodrigo Saballa de Carvalho - UFFS

Resumo: A partir dos aportes teóricos dos Estudos de Gênero, em sua vertente pós-estruturalista e das contribuições dos Estudos Culturais em Educação constituímos o presente trabalho que tem como objetivo a problematização da produção discursiva de masculinidades na obra *Criando Meninos*, de autoria do escritor Steve Bidduph. A referida obra associa determinados comportamentos como típicos de meninos em diferentes faixas etárias. Tal obra apresenta também para mães, pais e professores, uma regulação de posturas as quais os mesmos devem em relação aos meninos a fim de favorecer o desenvolvimento desses sujeitos infantis, encaminhando-os, assim, para formas determinadas de vivenciar/experimentar a sexualidade. A partir dos aportes citados, buscamos problematizar esse livro como artefato cultural o qual desenvolve uma pedagogia cultural, que através da naturalização de algumas características apresentadas pelos meninos, acaba por regular a constituição da sexualidade masculina e ensinando aos adultos como promovê-la.

Palavras – chave: Gênero – Estudos Culturais – Masculinidades - Discurso

Abrir e folhear: aproximações com a obra

Nos tempos atuais, é possível encontrar nas vitrines de diversas livrarias, obras que anunciam formas de educar, cuidar e auxiliar no desenvolvimento de sujeitos infantis sejam eles meninos ou meninas. Destinadas principalmente a pais e educadores, obras sobre a referida temática podem ser encontradas facilmente em outros tantos locais tais como papelarias, bancas de revista, em gôndolas próximas ao caixa do supermercados e são comercializadas até mesmo por revistas de compras por encomenda. De fácil acesso, obras sobre a educação de crianças, que tematizam descrições sobre modos de ser e de viver de meninos e meninas podem ser lidas e compreendidas entre grandes *best sellers* ou ainda, na espera de uma fila de supermercado. Basta apenas abrir e folhear...

Nas livrarias as obras que tematizam sobre a educação de crianças e jovens podem ser encontrados sobre a classificação autoajuda, as quais apresentam, de modo geral, formas de auxiliar o leitor na resolução de situações de conflito ou sofrimento em suas relações do cotidiano. Segundo Débora Sostisso (2011), autores de diversificadas áreas de conhecimento

propõem-se a escrever sobre a temática, tais como médicos, psicólogos, sociólogos e religiosos. Vale destacar que os livros sobre a educação dos sujeitos anteriormente referidos também podem ser encontrados sobre a classificação *Psicologia* ou *Pedagogia*. No entanto, as obras relacionadas a tais campos de conhecimento apresentam, características do desenvolvimento desses sujeitos, destacando, muitas vezes, quais características são (in)próprias para os mesmos, em relação ao seu sexo e/ou a sua faixa etária. Constituem, a partir dos aportes teóricos que utilizamos, discursos, os quais normatizam modos de ser e de viver dos meninos e das meninas, dos jovens e das jovens. Descrevem também formas compreendidas como (in)corretas para que os adultos relacionem-se com tais sujeitos, as quais fomentarão o desenvolvimento dos mesmos.

Vale referir que compreendemos discurso a partir de uma perspectiva foucaultiana, ou seja, como um conjunto de enunciados que se apoia na mesma formação discursiva. O discurso, por essa via, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história, pois, conforme Michel Foucault (2007), o problema não consiste em saber como e por que o discurso pode emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo. Desta forma, compreendemos o discurso como histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo. O discurso vai além da associação entre as palavras e a frases às “coisas” que supostamente representa, uma vez que apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo. Através de tais regularidades, é possível perceber a/as redes conceituais que lhe são próprias que relações de poder estão permeadas em sua constituição. (Fischer, 2001),

Em consonância com tais argumentações compreendemos os discursos constantes no livro que analisamos como práticas organizadoras da realidade, que estabelecem hierarquias e distinções, articulando o dizível e o visível. Tal articulação possibilita afirmar que os discursos formam sistematicamente os sujeitos e os objetos dos quais tratam, já que eles estão inscritos em formas regulamentadas de poder e estão sujeitos a múltiplas coerções. Essa noção de discurso rompe com os sentidos comumente utilizados na linguística (nos métodos interpretativos) e nas análises fenomenológicas, nas quais se destaca uma dicotomia entre os fenômenos da língua social e da fala individual, uma vez que o discurso é entendido por tais campos apenas como realização da fala de um sujeito produtor de significados. Essas perspectivas procuram deduzir do discurso algo que (supostamente) se refere ao sujeito falante, buscando reencontrar as (verdadeiras) intencionalidades do mesmo. Por outro lado, na

contramão de tais análises, a perspectiva foucaultiana busca analisar diferentes maneiras pelas quais os discursos cumprem determinadas funções dentro de sistemas estratégicos, nos quais o poder se encontra implicado e pelo qual funciona.

No presente trabalho, procuramos problematizar discursos apresentados na obra *Criando Meninos*, de autoria de Steve Bidduph (2008), publicada em diversos países e com mais de três milhões de cópias vendidas. Na referida obra, o autor aborda temas tais como estágios distintos do desenvolvimento masculino, desde o nascimento até a idade adulta. De acordo com o autor existem três estágios distintos no desenvolvimento masculino, a saber: o primeiro estágio compreende o período entre o nascimento até os seis anos e, nessa etapa o menino “pertenceria à mãe”, uma vez que a ligação entre os dois é efetiva. O estágio posterior entende-se dos seis anos até a adolescência e é caracterizado pela aproximação e identificação entre pai e filho. De acordo com o autor, é nesta idade que o menino sente segurança e felicidade com a sua masculinidade. Finalmente, o último estágio coloca-se entre os quatorze anos e a idade adulta, período no qual há um afastamento do jovem das figuras materna e paterna e a aproximação com o que o autor chama de “mentores do sexo masculino”, tais como: técnicos desportivos, professores e tios. Esses, em um período em que os meninos supostamente afastam-se dos pais, buscariam orientar o jovem com conselhos e exemplos, auxiliando-o na aproximação com a vida adulta. Também são abordados temas tais como os efeitos dos hormônios masculinos sobre a psicologia de meninos e jovens, organização mental dos sujeitos masculinos e, por fim, o autor ainda examina de que forma o esporte tornou-se uma prática de risco para os garotos.

A presença de determinadas características e comportamentos parecem marcar, para o autor, o adequado desenvolvimento de meninos e jovens nos diferentes estágios. Contudo, a partir da perspectiva teórica que assumimos tais características e comportamentos colocam-se como verdades discursivas, as quais definem formas (in)adequadas para que meninos e jovens vivam de uma forma determinada a masculinidade. É importante lembrar que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2009, p. 10). Desta forma, pretendemos, nesse texto, tensionar a constituição de uma masculinidade descrita e entendida como natural, através da desnaturalização de características descritas pelo autor como tipicamente masculinas. Buscamos também problematizar a potência do discurso biológico, o qual tem sido utilizado para determinar formas de viver a masculinidade. Encerramos este texto pensando, como pesquisadores e educadores, que tal temática deva ser

analisada a fim de promovermos práticas educativas mais igualitárias. Como afirma o autor: *Meninos podem ser ótimos. Nós podemos fazê-los ficar assim. Compreensão é o segredo.*

Lutas e barulhos: características (ou ações) da masculinidade infantil

As crianças de ambos os sexos têm muitas diversões comuns, e assim dever ser; o mesmo não acontece quando crescem? Têm também gostos próprios que as distinguem. Os meninos procuram o movimento e o barulho: tambores, piões, pequenas carruagens; as meninas preferem o que é vistoso e serve de enfeite: espelhos, jóias, panos e principalmente bonecas; [...] (ROUSSEAU, 1995, p.506)

Para as meninas, oferecemos o que é vistoso e belo. Aos meninos, são ofertados objetos que provocam sons diversificados e possibilitem uma movimentação constante. Na segunda metade do século XVIII, Jean Jacques Rousseau, na última parte de sua obra *Emílio ou da Educação*, descreveu, tal como destacado pela epígrafe, algumas diferenças entre os comportamentos de meninas e meninos, e, por conseguinte, nas possibilidades de diversão e entretenimento para os diferentes sexos. É possível pensar que a descrição de Rousseau em *Emílio* acaba por definir as identidades, os modos de ser e de viver de meninos e meninas, ao final do século XVIII.

Entretanto, ao articularmos as perspectivas teóricas dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero em uma abordagem pós-estruturalista, das quais fazemos uso neste estudo, compreendemos as identidades se aproximam da idéia de celebrações móveis, descrita por Stuart Hall (2006). Para o autor, as identidades são articuladas e rearticuladas constantemente, em relação aos tempos, aos espaços, aos diversos grupos sociais e às representações presentes na cultura. Como afirma Hall, as identidades são históricas:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2000, p.109)

Também é preciso destacar que, a partir do conceito de gênero em uma abordagem pós estruturalista, as diferenças biológicas não são negadas, mas são as diferenciações feitas entre homens e mulheres, compreendidas como consequência direta dos caracteres biológicos, que acabam por ser questionadas. Guacira Louro (1997, p. 22) esclarece que “[...] não é

negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas”. De acordo com o conceito de gênero, homens e mulheres são categorias vazias e, ao mesmo tempo, podem ser compreendidas como transbordantes, tal como afirma Joan Scott (1995, p. 93): “Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estra fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negada ou suprimidas.” Assim é possível pensar que expressões, tais como “*Menina tem que sentar direito!*” ou “*Menino não chora!*”, se problematizadas a partir do conceito de gênero, possam ser entendidas como discursos que definem, naturalizam a produção de determinadas ações (sentar/chorar) por meninas e meninos. As palavras de Dagmar Meyer (1996, p.49) sobre a conceituação de gênero contribuem para compreender que:

Enquanto discurso, ele produz e é produzido, organiza e é organizado e, portanto, atravessa, modula e regula o próprio contexto social. Enquanto discurso, ele está implicado na constituição e na operação de símbolos, de doutrinas, de instituições, de organizações sociais e políticas, bem como nos processo de construção de identidades subjetivas.

A conceituação de Meyer ajuda-nos a perceber como três séculos após as afirmações de Rousseau, diferenças entre os comportamentos e interesses de meninos e meninas organizam-se como discursos que marcam diferenciações entre os gêneros. No entanto, tais diferenciações acabam por definir únicas de são ainda destacadas, como podemos perceber nos excertos destacados da obra analisada:

“As meninas trabalham contentes em grupo; os meninos circulam como índios em volta de um vagão de trem, implicam com elas e brigam uns com os outros. (BIDDUPH, 2008, p.3)

“Quando começam a andar, os meninos se movimentam muito e precisam de mais espaço para suas brincadeiras. Gostam de segurar e manipular objetos, fazendo altas construções com blocos educativos, enquanto as meninas preferem construções de pouca altura. Na pré-escola, quando um novo coleguinha é apresentado ao grupo, costuma ser ignorado pelos meninos, enquanto as meninas prestam atenção nele e se aproximam para ajudar. (BIDDUPH, 2008 p.5)

“Por volta dos seis anos de idade, acontece uma grande mudança nos meninos. É como se, de repente, alguém apertasse um botão para ‘ligar’ sua masculinidade. Mesmo aqueles que não assistem muito à televisão começam a querer brincar com espadas, capas de Super-Homem, lutar e fazer barulho. Acontece também um outro fato realmente importante que é observado em todas as sociedades do mundo: em torno dos seis anos de idade, o menino parece ‘se ligar’ no pai, padrasto ou figura masculina mais próxima, insistindo em acompanhá-lo, ver o que ele faz e imitar seu jeito. É como se quisesse ‘aprender a ser homem’. (BIDDUPH, 2008 p.6)

Ter o lado direito do cérebro bem desenvolvido, como é a tendência dos meninos, tem muitas vantagens. Além de suas habilidades matemáticas e mecânicas, os homens costumam ser orientados para a ação – quando vêem um problema, querem logo resolver. O lado direito do cérebro tanto cuida dos sentimentos quanto das ações, o que torna os homens mais capazes de agir em situações que fariam as mulheres pensarem, pensarem, em total paralisia! Para um homem, é preciso um esforço extra para mudar para o hemisfério esquerdo em busca das palavras que expliquem os sentimentos que ele está registrando no hemisfério direito. (BIDDUPH, 2008, p.28)

Características destacadas pelo autor tais como necessidade grande movimentação corporal dos meninos, maior facilidade para questões lógico matemáticas em detrimento às questões de linguagem relacionada às diferenciações biológicas entre meninos e meninas e ainda, a associação das ações dos sujeitos infantis masculinos às práticas de violência, acabam por constituir-se como discursos que constituem modos naturalizados para que meninos organizem a sua masculinidade. Em consonância com o que afirmamos Mirian Pillar Grossi (2001) pontua que uma das principais definições de masculinidade nas culturas ocidentais associa o gênero masculino as ideias de ação, hiperatividade e agressividade. Afirma a autora (GROSSI, 2001, p. 6):

[...] para a constituição do modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura, atividade não diz respeito apenas à sexualidade; ela é também percebida positivamente como agressividade. Já na constituição da identidade de gênero na infância, observamos como o masculino se constitui pela hiperatividade dos meninos, que se confunde seguidamente com agressividade.

Ao entrevistar homens adultos a fim de contextualizar aspectos sobre o que caracteriza ser homem no contexto da cidade de Santiago, no Chile os autores Teresa Valdés e José Olavarría (1998), constataram que, para os entrevistados, ser homem constituía em apresentar características tais como valentia, agressividade, impetuosidade e insensibilidade, entre outras. Esses atributos, de acordo com os autores, estabelecem um tipo de convivência entre os homens, a qual orienta as relações entre eles e entre as mulheres. A partir de tais princípios é constituída uma identidade estável que organiza as práticas e a vida dos homens.

Vale destacar que o conceito masculinidade, de acordo com Robert Connell, (1995), coloca-se como “uma configuração de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995, p. 188). Ao falar em *configuração de práticas* o autor remete às ações reais dos sujeitos e não ao que é esperado ou imaginado que os mesmos façam. Da igual forma, ao enunciar *posição de homens* em seu conceito, o autor busca

“ênfatizar que a masculinidade tem a ver com relações sociais e também se refere a corpos”. (CONNELL, 1995, p. 188). Para o referido autor existe uma narrativa convencional que compreende o gênero “como um molde social cuja marca é estampada na criança, como se as personalidades masculinas saíssem, como numa fábrica de chocolate.” (CONNELL, 1995, p. 190). Assim, é possível pensar que narrativas tradicionais a respeito de meninos e jovens acabem por associar comportamentos violentos, agressivos e agitação extrema a uma natural característica dos sujeitos do gênero masculino. Entretanto, corroboramos com Connell (1995, p. 190) ao pensar tal perspectiva possa subestimar “a energia, a atividade e a dimensão de uma pessoa em crescimento.” Buscamos distanciar-nos das ideias narcisistas e aproximamo-nos da beleza da diversidade, acreditando que existam vários e diversificados modos de ser homem, jovem, menino.

Testosterona: um impulso para garotos impetuosos

Em diversas passagens de sua obra Biddulph (2008) associa a presença do hormônio testosterona no organismo masculino a características tais como rebeldia, instabilidade emocional, impetuosidade, impulsividade e agressividade. Os excertos são exemplos de nossa afirmação:

Por volta dos catorze anos, começa um novo estágio. É uma fase, em que os meninos costumam crescer depressa, enquanto uma coisa notável acontece dentro do organismo: os níveis de testosterona aumentam em quase 800 por cento! [...], é comum que nessa idade eles fiquem meio rebeldes, inquietos e instáveis. (BIDDUPH, 2008, p.10)

“A verdade é que a testosterona atua sobre o cérebro e deixa os meninos mais preocupados com classificação e competição.” (BIDDUPH, 2008, p. 19)

A testosterona dá energia e determinação. Um garoto com altos níveis do hormônio dá um bom líder. (BIDDUPH, 2008, p. 22)

“[os meninos]... sofrem ondas de testosterona em que às vezes os deixam rebeldes e inquietos – especialmente por volta dos catorze anos[...] [...] têm a predisposição de agir sem pensar...” (BIDDUPH, 2008, p. 29)

"Se quer ser amigo de um garoto, aprenda a lutar". [...] o que se descobriu foi que brincar assim é uma lição essencial para os seres humanos do sexo masculino. Eles aprendem como se divertir, fazer barulho e até mesmo se zangar, e, ao mesmo tempo, a saber quando parar. Para um homem, que convive com a testosterona, isso é vital.” (BIDDUPH, 2008, p. 32)

Corroboramos com as discussões de Sostisso (2011), quando esta, em sua análise sobre livros que abordam questões de gênero e desenvolvimento infantil, a exemplo da obra de Steve Bidduph, pontua que a atuação do hormônio testosterona no organismo masculino responde, torna-se a razão de características tais como energia, determinação, desejo de competição e capacidade de liderança. Entretanto é possível que a associação dos discursos biológicos às posturas de meninos e/ou meninas possa constituir-se como uma naturalização acerca dos comportamentos e das potencialidades dos mesmos. Discursos a respeito de diferenciações biológicas podem fomentar a constituição de uma essência masculina. Tal essência, a partir desta compreensão, seria única para todos os sujeitos masculinos e, desta forma, diferenciações sociais e culturais, colocar-se-iam em detrimento às explicações biológicas.

É possível pensar que o desenvolvimento de disciplinas tais como a sexologia no século XIX acabe por colaborar para a suposta “supremacia” das explicações biológicas na categorização dos sujeitos masculinos e femininos, uma vez que a sexologia buscou “definir as características básicas do que constitui a masculinidade e a feminilidade normais, dos homens e das mulheres biológicos.” (WEEKS, 2010, p. 63). Ou seja, as diferenciações biológicas entre os sujeitos poderiam ser entendidas como o ponto de partida das definições e distinções entre homens e mulheres e ainda, de suas possíveis potencialidades na vida em sociedade. Na contemporaneidade, ainda busca-se na biologia argumentos para categorizações das identidades dos sujeitos. Sobre o tema, afirma Louro (2010, p. 14):

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstâncias. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de “marcas” biológicas.

Compreendemos que uma possível compreensão das identidades como categorias fixas possa fomentar a percepção de binarismo nas relações entre masculino e feminino. A partir de tal percepção meninos e meninas, homens e mulheres podem ser compreendidos como opostos um do outro. Existiria, assim, uma essência masculina e uma essência feminina, a partir da qual homens e mulheres, respectivamente, poderiam ser categorizados e descritos com determinadas características. Aqueles e aquelas que não apresentam essas características, ou sejam, aqueles que não permitem a visualização de sua essência, acabam consideradas como depravação. Podemos pensar então que, mais uma vez, o discurso biológico funcione como base para tais afirmações, tal como coloca afirma Amílcar Torrão Filho (2005, p.144)

Neste caso, a natureza explica a essência de cada sexo, e perverter esta distribuição de atributos é perverter a própria natureza, sempre sábia em suas “decisões”. Neste domínio do binário, as práticas e comportamentos sexuais e afetivos que não obedecem esta distinção dual serão tomadas, como desvio, perversão [...]

Vale referir que, em consonância com as ideias de Connell (1995), até cinquenta anos atrás, ou seja, na década de 1970, a terminologia *gênero dos homens*, principalmente nas análises de língua inglesa, estava associada ao *papel do sexo masculino*. Tal associação significava, essencialmente, “um conjunto de atitudes e expectativas que definiam a masculinidade apropriada.” (CONNELL, 1995, p. 187). Entretanto, de acordo com o referido autor, o conceito de papel masculino tornou-se frágil uma vez que não se propunha a compreender questões relacionadas à violência, ao poder ou ainda, sobre desigualdades entre os sujeitos, sejam estas dos homens entre si e também entre homens e mulheres. *Gênero dos homens* remeteria, para Connell (1995) a descrição de um modo determinado de ser homem, ou seja, à uma única forma para vivenciar e caracterizar a masculinidade. Desta forma, o autor, tal como afirmamos anteriormente, associa a masculinidade às questões de gênero e, por conseguinte, prefere o uso das *masculinidades*, uma vez essas, compreendidas a partir do conceito de gênero, não poderiam ser compreendidas como únicas, tão pouco estáveis.

De modo semelhante, Michel Kimmel (1998) conceitua as masculinidades como “socialmente construídas, e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica.” (KIMMEL, 1998, p. 105). Para o referido autor, as variações entre diversificadas culturais, as diferenças em um mesmo grupo cultural, as transformações ocorridas através dos tempos e ainda, as próprias mudanças na vida de um homem individual estão permeadas na conceituação de masculinidades.

É possível pensar que análises que situem, problematizem comportamentos e posturas dos meninos a partir da compreensão das masculinidades, afastem-se das explicações de cunho estritamente biológico. Desta forma, a exemplo dos excertos que trazemos nessa seção, caso fossem analisados sobre a perspectiva de gênero e, por conseguinte, das masculinidades, o discurso sobre a testosterona e seus efeitos não constituiriam, com tamanho destaque, descrições acerca do desenvolvimento e dos comportamentos dos meninos e jovens. Outros discursos, tais como as relações sociais, as interações com o meio, as aprendizagens provenientes das pedagogias culturais e as relações de poder, seriam considerados na obra analisada, com igual relevância.¹

¹ Compreendemos as pedagogias culturais semelhante a Shirley Steinberg (2001). Desta forma, entendemos que produções midiáticas diversas, filmes e novelas, educam pela representação de modos de ser e de viver dos

Provisórias conclusões, uma vez que é preciso encerrar.

O que foi separado não pode ser colado novamente. Abandonai toda a esperança de totalidade, tanto futura como passada, vós que entraís no mundo da modernidade líquida.
(BAUMAN, 2001, p. 29)

De modo semelhante a Zygmunt Bauman, compreendemos que em mundo “modernamente líquido”, as identidades são fluídas, múltiplas. Desta forma, não poderíamos pensar, a partir de tal perspectiva, em uma forma única de ser e de viver dos sujeitos, sejam eles homens ou mulheres, meninos ou meninas. Corroboramos com as afirmações de Jane Felipe e Alexandre Bello (2010) quando esses aproximam a metáfora da liquidez de Bauman a ideia da constituição pós-moderna das masculinidades infantis. Afirmam os autores (2010, p. 176): “[...] masculinidades delineadas na infância também são líquidas, na medida em que elas não se prendem a estruturas sólidas, ou seja, embora haja um conjunto de suportes que as deem sustentação, elas estão, em certa medida, atreladas às expectativas adultas.”

Acreditamos que, na contemporaneidade, os discursos acerca das identidades de gênero, presentes nos mais diversificados artefatos culturais sejam amplamente problematizados, debatidos, uma vez que circulam com tamanha amplitude em nossa sociedade, potencializando, constituindo modos normativos de ser e de viver para crianças e jovens. Examinar, por exemplo, discursos que determinam alguns comportamentos como masculinos ou femininos é mais do que uma simples questão retórica e politicamente correta, pois como afirma Butler (2002, p.163), os discursos “habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue.” Dessa forma, consideramos válido questionar que corpos e, por conseguinte, que meninos e jovens estamos produzindo, ao reproduzirmos, sem nenhuma problematização os discursos presentes em tais materiais. Esta é uma causa ética que diz respeito a nós enquanto pesquisadores da temática e/ou professores em relação à constituição dos sujeitos contemporâneos.

personagens apresentados. E, nos aproximamos de Foucault a fim de contextualizar as relações de poder, uma vez que para o autor (2007, p. 103): “[...] o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares [...] não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa em uma sociedade determinada”.

Conforme afirma Louro (2003), pensamos que, como educadores, é preciso que nos voltemos para práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade das ações, dos discursos, dos sujeitos. Dessa maneira, de acordo com a autora (2003, p. 51), é possível que “[...] a história, o movimento e as mudanças nos pareceram menos ameaçadores.” – e, quem sabe, desta forma, os comportamentos dos meninos e jovens possa ser percebido em sua multiplicidade. Encerramos este texto corroborando com as afirmações de Connell (1995), pensando que a desconstrução dos discursos em consonância com uma nova política gênero pode potencializar mudanças em nossa sociedade:

Uma nova política do gênero para os homens significa novos estilos de pensamento, incluindo uma disposição a não ter certezas e uma abertura para novas experiências e novas formas de efetivá-la. No dia em que fotografias com homens empurrando carrinhos de bebê se tornarem comuns, aí saberemos que estamos chegando a algum lugar. (CONNELL, 1995, p. 205)

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELLO, Alexandre Toaldo e FELIPE, Jane. Delineando masculinidades desde a infância Instrumento - Rev. Est. Pesq. Ed. Juiz de Fora v. 12 n. 2 jul./dez. 2010, p. 175 – 182. Disponível em

<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/revistainstrumento/article/viewFile/930/813>

BIDDULPH, Steve. *Criando meninos*. Tradução de Neuza Capelo. 3ª ed. São Paulo: Fundamento, 2008.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Revista. Estudos Feministas. Florianópolis: vol.10 nº.1 jan. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11634.pdf>

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995, p.185 -206.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editores Associados, n. 1, jul. 2001, p.197-223.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I- a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon de Albuquerque. São Paulo: Graal, 2007.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis, p. 4-37, 2004.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós – Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz T. (org e trad.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.103-133.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Tradução de Andréa Fachel Leal. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n.9, p. 103-117, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G.L (org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. 3ª ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.): *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica. In: LOPES, Marta Julia; MEYER, Dagmar; WALDOW, Vera Regina (orgs.). *Gênero & saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p.41 -51.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou Da Educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. *Educação & realidade*. Porto Alegre. vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99

SOSTISSO, Débora Francez. *Como criar meninos e meninas?: o governo das condutas maternas e paternas para a constituição da infância*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2011.

STEINBERG, Shirley e KINCHELOE, Joe. *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TORRÃO, Amílcar Filho. Uma questão de gênero, onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*. Nº24, jan/jun, 2005. p. 127-152

VALDÉS, Teresa y OLAVARRÍA, José. "Ser hombre en Santiago de Chile: a pesar de todo, un mismo modelo". In VALDÉS, Teresa y OLAVARRÍA, José (eds.) *Masculinidades y equidad de género en América Latina*, Santiago: FLACSO. Chile, p. 12-35, 1998.

WEEKS, Jeffrey. *O Corpo e a Sexualidade*. In: LOURO, G.L (org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2010.